

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A SALA DE AULA: UM PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DE CONCEITOS E PRECONCEITOS ESTABELECIDOS

ALVES, Bianca Bruna¹
DENARDIN, Elisangela Renata Tomaz²

Resumo - Este artigo tem o objetivo de discutir a Língua Portuguesa com suas variações linguísticas, o preconceito que essas variações enfrentam principalmente no âmbito escolar, onde é um espaço democrático e de direito e deveria promover uma mudança na concepção do ensino da Língua Portuguesa. A variação linguística ainda é abordada de maneira insuficiente nos livros didáticos, e superficial pelos professores, dificultando um resultado satisfatório na compreensão dos conceitos de “certo” e “errado” em relação aos falantes da língua materna.

Palavras-chave: Variação Linguística, Preconceito, Sociolinguística.

Introdução

O trabalho com variação linguística nas escolas tem sido alvo de grandes discussões, principalmente no que se refere à forma de trabalhar e os gêneros utilizados para este fim. Geralmente os livros didáticos traziam tão somente aquela batida tirinha do Chico Bento, hoje sabemos que inadequada, para se trabalhar a questão da variação linguística. Ao analisarmos alguns livros, percebemos que eles estão mudando suas posturas e seus gêneros para se trabalhar esse aspecto tão importante na sala de aula. Para exemplificarmos essa questão, propusemos trabalhar o gênero meme, em sala de aula, que é um gênero muito acessado pelos alunos e que surtiu um grande efeito positivo na sequência didática trabalhada.

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou “erradas” (BAGNO, 2007, p. 27). De acordo com o autor, o problema do preconceito deve ser enfrentado na escola, com uma educação voltada para as diferenças, a escola precisa livrar-se de alguns mitos, como, por exemplo, de que existe apenas uma maneira “correta” de falar, que é a que se parece com a escrita; outra crença é a de que precisa-se consertar a fala do aluno para que ele

¹ Mestranda do Profletras – UNEMAT – Sinop – Professora efetiva do Estado de Mato Grosso – Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes – Sinop - MT.

² Mestranda do Profletras – UNEMAT – Sinop – Professora efetiva da Rede Municipal – Escola Eça de Queiroz – Lucas do Rio Verde – MT.

escreva “certo”, essa forma de pensar desvaloriza a forma de falar do aluno, assim como a forma de falar da sua comunidade.

A língua é considerada um meio de comportamento social, e a sociedade é muito diversificada, contudo o uso da linguagem segue um padrão. Por sua vez, a língua varia de acordo com as pessoas que a usam e de acordo com o contexto de comunicação no qual ela é utilizada. O ensino de línguas visa a propiciar aos alunos a competência comunicativa, ou seja, a “capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2002, p. 17).

O Ensino da Língua Portuguesa e suas Variações: É preciso ensinar e desconstruir (pre)conceitos

Para a Sociolinguística, entende-se a língua como um complexo heterogêneo, inacabado, dinâmico, fluido e multifacetado. Além disso, considera-se que a língua é reflexo da sociedade (ALKMIM, 2001; CAMACHO, 2001; MARCUSCHI, 2008; entre outros). Dentro de uma mesma comunidade, podem ocorrer variações devido a fatores políticos, de escolaridade, de gênero, religiosos, econômicos, entre outros. Todavia, a variação também pode ocorrer entre diferentes comunidades, devido a fatores geográficos, principalmente em que os indivíduos de vários lugares se reúnem com suas particularidades e individualidades. No Brasil, as variações linguísticas presentes carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro.

Para Mussalin e Bentes (2006, p. 34), “de uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”. As autoras ainda asseguram que:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (MUSSALIM e BENTES, 2006, p. 34).

A variação geográfica fica evidente, por exemplo, quando se escuta um falante da região sudeste e um da região nordeste atribuindo nomes diferentes para o mesmo substantivo, como no sudeste chamam a mandioca de aipim e no nordeste chamam de macaxeira.

As autoras citadas acima ainda destacam que, em relação aos aspectos sociais, fatores como a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social são determinantes nesse processo.

Por sua vez, a Sociolinguística, que é a ciência que estuda a língua falada em um contexto social, se torna importante para o entendimento do fenômeno e suas implicações em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem, não só da língua materna como também das diferentes disciplinas e seus linguajares específicos.

Cabe salientarmos, também, a importância da Língua Portuguesa no ambiente escolar pautado nos postulados da Sociolinguística Educacional, que é definida por (Bortoni-Ricardo, (2014, p. 158) como "[...] o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas [...]". Isto é, um trabalho no intuito de valorizar a língua, compreendendo assim tanto a norma-padrão quanto as variedades linguísticas, incentivando-se o respeito e a importância de ambos, para que não se fortaleça o preconceito.

A variação existente na Língua Portuguesa é tamanha que, por diversos fatores, torna-se normal, pois o português é falado por mais de 200 milhões de pessoas e também em mais de oito países, e vale ressaltarmos que o Brasil é um país de extensão territorial muito grande, com diferentes realidades, contudo a língua oficial possui uma unidade, o que a torna compreensível para todos, e é formalizado seu ensino através de materiais e diretrizes, tornando possível sua unicidade quanto à análise.

Em nosso cotidiano, empregamos a linguagem informal ou coloquial. Dessa forma, na oralidade, nos preocupamos menos com a norma culta, formal, pois, “nesse caso, o falante não está preocupado com o que é “certo” ou “errado” segundo as regras ditadas pela comunidade” (TERRA, 2008, p. 84). No entanto, percebemos que o oposto acontece quando vamos escrever, a preocupação fica evidente, porque a escrita precisa ser planejada. Diante desse planejamento, a postura linguística influencia diretamente a escola, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa.

A escola, por sua vez, tem priorizado o ensino da gramática normativa, ou seja, a norma culta é a única a ter espaço nas aulas (CAMACHO, 1983). Portanto, o ensino de línguas no contexto brasileiro tem um caráter reducionista, ao não explorar as dimensões existentes no complexo linguístico (SUASSUNA, 2005). O ensino da Língua Portuguesa nas escolas sempre se ateve em descrever e corrigir o que era “certo” ou “errado”, sem analisar as diversas variações, que, de fato, permeiam o universo linguístico do aluno. Neste contexto, vejamos o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro das diferentes situações comunicativas é saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige (BRASIL, 1997, p. 31).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, dominar a língua é um grande passo do aluno para que ele possa ter uma participação social plena e concreta, tornando-se um sujeito crítico e ativo, um ser humano capaz de se expressar, defender suas ideias, e ter consciência de seu conhecimento. O sistema de ensino, dessa forma, tem como objetivo uma educação democrática e social, bem como cultural, capaz de tornar o aluno um cidadão responsável, proporcionando a ele acesso aos saberes, possibilitando-o de exercer sua cidadania.

Geralmente, contudo, as variações linguísticas são alvo de discriminação, principalmente, por serem relacionadas à fala de pessoas das camadas sociais menos privilegiadas. A escola e o professor precisam demonstrar o respeito pela liberdade de expressão dessas pessoas e a língua precisa ser ensinada de forma a combater esse preconceito.

Os PCNs discutem que a língua deve ser também objeto de reflexão, apoiando-se em dois fatores: “a capacidade humana de refletir, analisar, pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem, e a propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma, de falar sobre a própria linguagem” (BRASIL, 1997, p. 53).

Nesse sentido, Bagno afirma que “assim, tal como existem milhões de brasileiros sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros que poderíamos chamar de sem línguas” (BAGNO, 2008, p. 29). Isso nos traz à tona uma reflexão que devemos sempre fazer como professores e também na nossa prática em sala de aula, bem como sobre a nossa relação com os milhares de estudantes que deverão passar por nós, que refletirão sobre nossos pontos de vista e nossas esperanças, pois é através deles que poderemos combater o preconceito linguístico.

Além disso, “Vivemos a era das linguagens líquidas” (ROJO, 2013, p. 8), em que as novas tecnologias influenciam diretamente nos processos comunicativos estabelecidos diariamente nas diversas esferas sociais, isto é, a alta complexidade do mundo moderno acaba exigindo cada vez mais de seus interlocutores, fundamentalmente sua inserção no âmbito virtual.

De uma maneira bastante clara, Bortoni-Ricardo (2004, p. 23) destaca que:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais, esses papéis são um conjunto de obrigações e direitos definidos por normas socioculturais, num processo de interação humana, quando usamos a linguagem para nos comunicar, estamos exercendo esse papel social, usamos o papel social de pai, de mãe, de marido, mulher, cada papel tem suas marcas linguísticas, diferenças sociolinguísticas. Outros domínios também estão presentes no nosso cotidiano, a escola, a igreja, e também, nestes, encontramos variação no uso da língua, o grau dessa variação é que vai ser maior ou menor de acordo com os domínios sociais. A variação é inerente a cada comunidade linguística. Está enraizada em nós a expressão “erros de português”, mas o que chamamos de erro, nada mais é do que diferenças que se apresentam na variedade da cultura da oralidade e a cultura do letramento cultivada na escola.

As crianças quando chegam à escola já sabem falar bem a sua língua materna, compõem sentenças bem formadas, comunicam-se em diversas situações, mas é papel da escola ampliar experiências, ampliar recursos comunicativos, ampliar a competência comunicativa dos alunos, em gêneros mais complexos, uso da língua oral em estilos monitorados, uso da escrita. A escola é o espaço em que os alunos vão adquirir todas essas competências para atenderem as convenções sociais, o uso da língua e vocabulário, uso linguístico adequados.

Uma dúvida muito frequente dos professores trata-se de como intervir nos momentos em que o aluno usa uma norma não padrão, muitas vezes, a ação pedagógica do professor é incorreta, pois o mesmo utiliza-se do “erro” do aluno para humilhá-lo. (BORTONI-RICARDO, 2004). Na perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível, a estratégia de um professor deve ser a *identificação* da diferença e a *conscientização* dessa diferença, respeitando as características culturais e psicológicas dos alunos. O trato inadequado com essas questões, pode provocar insegurança e até desinteresse e revolta nos alunos.

Sequência Didática Trabalhada na Escola Eça de Queirós, no Município de Lucas do Rio Verde

A sequência didática (SD) foi proposta para o oitavo ano C, do período vespertino da escola Eça de Queirós, localizada na avenida Pará, 300 S, no bairro Alvorada em Lucas do Rio Verde. A SD tinha como objetivos rever e aprofundar os conhecimentos sobre a variação linguística, conhecer a variação linguística geográfica/diatópica e correlacionar variedades linguísticas geográficas e suas diferenças. A sequência teve duração de quatro aulas de cinquenta minutos.

Foi apresentado aos alunos um slide em que constavam memes como um gênero digital sendo que apresentamos o conceito de gênero como essencialmente flexível e variável, tal como seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros

variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais (MARCUSCHI, 2011).

Foi discutido com os alunos o que seria um gênero digital, onde ele circula, quem tem acesso, qual a estrutura do gênero meme. Um aluno em especial perguntou se estudaríamos memes na aula de Língua Portuguesa e que o mesmo nunca pensou que estudaria meme na escola, pois é uma coisa que ele gosta muito. Todos os alunos ficaram muito empolgados com a possibilidade de estudar um gênero que eles têm muito acesso, principalmente pela rede social *Facebook*.

No módulo inicial, foram discutidos os conhecimentos prévios do gênero, onde ele circula, quem tinha acesso, muitos não sabiam que era um gênero textual/digital, houve também a apresentação de cada aluno da sala dizendo de que região, lugar do Brasil tinham vindo ou se nasceram em Mato Grosso. Mais de cinquenta por cento da sala disseram que nasceram em Lucas do Rio Verde, que é um município novo, 30 anos, mas que recebeu muitos migrantes vindos do sul na década de 1980.

Contudo, tinham alunos que vieram de Santa Catarina, Maranhão, São Paulo, e alguns de outros municípios de Mato Grosso, a discussão foi muito rica, pois muitos relataram que estranham o modo de falar de amigos que moram fora do estado, uma inclusive, que tem um amigo paraense, disse que liga para ele somente para escutar o modo como ele fala. O próximo passo da sequência foi pedir aos alunos que produzissem um meme, alguns alunos da sala disseram desconhecer o gênero, então a estratégia usada foi sentar em duplas, mas cada um com sua produção. Saíram boas produções, a maioria de memes que os alunos já haviam tido contato, principalmente os mais recentes, com assuntos atuais, como a greve dos caminhoneiros e a falta de gasolina.

Depois de produzidos os memes, projetados no data show, mostramos aos alunos alguns memes nordestinos, em que a variação linguística se fez muito presente e causou estranheza em alguns, por nunca terem visto algumas expressões, como cangote, peleje, aperrei, mode. O primeiro meme dizia: Se um xero nuzói já é bom, avali aí o xero no cangote; o segundo dizia: Mô Deus, livrai-me dos venenos dos z inimigos, disfarçados de amigos, pra mode eu caminhar sem aperrei. O terceiro: Mesmo que seus objetivos estejam lá pra baixa da égua, vale a pena correr atrás. Não se agonie, nem esmoreça, e nem murche as urêa. Peleje. E o quarto dizia: Nível de amizade – Bora? Oxe, bora! Os alunos destacaram que não conheciam esse linguajar,

que não tinham contato com nordestinos e que achavam engraçada essa forma de falar. Se antes as suas produções foram livres, apenas foi cobrado o gênero meme, agora eles tiveram contato com o gênero e com o vocabulário nordestino, ou seja, uma variação linguística.

No segundo módulo, discutimos sobre a variação geográfica, identificada como a variação de cada região, também chamada diatópica. As diferenças ou variedades de uma mesma língua, entre regiões do mesmo país, algumas vezes as variedades são tão distintas que podem dificultar a comunicação entre elas, porém, na maioria dos casos, a variação não impede o entendimento entre os falantes. São inúmeras as variedades do português, por isso não existe uma unidade linguística, em seguida foram feitas algumas perguntas aos alunos, se eles conheciam alguém que tem sotaque muito diferente, como é o sotaque, e se eles sabem por que as pessoas falam de diferentes maneiras. Poucos alunos relataram conhecer sotaques diferentes, um aluno citou um amigo do Pará e outro citou um amigo do Rio Grande do Sul, e que ambos gostavam de ouvir a maneira de falar dos colegas.

No terceiro módulo, após as discussões das perguntas, a professora seguiu explicando que nossa língua, embora altamente organizada, é variável, é flexível, sendo que nenhuma língua viva é fixa, fechada ou sólida. Comentou que na concepção da Sociolinguística, que é uma das ciências da linguagem, que explica as variações, a língua é intrinsecamente heterogênea, instável, sempre em construção e desconstrução, tratando assim do preconceito linguístico existente, e que nenhuma variação é melhor ou pior que a outra. Foi salientado junto aos alunos que a variação é decorrente da diversidade de povos, línguas e culturas.

No quarto módulo e final, foi proposto aos alunos novamente a produção de um meme autêntico, em duplas, agora explicitando a variação geográfica/diatópica, poucos alunos utilizaram-se dos exemplos mostrados e fizeram a variação nordestina, alguns alunos usaram sua criatividade para produzirem, conforme será mostrado: “Bom dia, tchê! Bora tomar um chima? Bom dia! Bora piá!”. Todas as produções ficaram boas e explicitaram o entendimento da SD e da variação linguística, que era o foco da aprendizagem e discussões. Ao final das quatro aulas ininterruptas, os alunos relataram que as aulas estavam tão interessantes que nem viram o tempo passar. Avaliamos positivamente, pois os alunos conseguiram compreender definições e exemplos de forma adequada de variação linguística e produzir os memes propostos.

Sequência Didática Trabalhada na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, no Município de Sinop

Também apresentada em uma turma de oitavo ano, no período vespertino, 8º ano F, a sequência didática foi proposta na escola estadual Nossa Senhora de Lourdes, localizada na avenida Rute de Souza Silva, 471, Setor Industrial, em Sinop. A SD teve também os mesmos objetivos propostos em Lucas do Rio Verde, revendo e consolidando os conhecimentos sobre a variação linguística, assim como reconhecer e relacionar a variação linguística geográfica/diatópica e suas diferenças. A sequência teve duração de quatro aulas de cinquenta minutos.

Seguiu-se o mesmo modelo para as duas escolas. Num primeiro momento, foi apresentado o gênero digital meme, com seus conceitos e exemplos. Após discussão com os alunos, foi possível conceituar, localizar e perceber quem tem acesso a esse gênero e como ele é produzido. Os alunos participaram, ficaram envolvidos e fizeram bastantes questionamentos sobre se o meme era para ser estudado na escola.

No primeiro módulo, foi feita uma discussão sobre o gênero, quem tem acesso à internet, e houve o questionamento de que a maioria dos memes, principalmente no *facebook*, geram humor, especialmente os com o linguajar nordestino. Perguntou-se, então, de onde cada aluno era, sua família, e algumas particularidades de vocabulário, que eles observavam em seu ambiente. Quase todos os alunos nasceram em Sinop, mas suas famílias vieram do Maranhão e alguns do Paraná. Mais da metade dos alunos são filhos de maranhenses, que vieram para trabalhar em Sinop. Poucos alunos nasceram em outros municípios de Mato Grosso. Como a escola oferta apenas o ensino fundamental, muitos alunos já pensavam onde estudar no ensino médio, pois algumas escolas são mais receptivas que outras, quando os alunos dizem que são maranhenses. Muitos alunos possuem um vocabulário bem próprio, que, às vezes, não compreendíamos o significado do que eles falavam. Muitos observaram que falamos diferente deles, pois somos mineiras, e ficavam perguntando de onde éramos e porque falávamos assim, diferente deles.

Logo em seguida, após ampla discussão, pedimos para que os alunos produzissem um meme, no caderno mesmo, em duplas. Os alunos fizeram memes relacionados a relacionamentos, questões políticas e sobre futebol. Como foi abordada a variação linguística, mostramos, no data show, memes nordestinos, que em princípio era para causar estranheza, mas não surtiu esse efeito. Todas as expressões usadas nos memes, apesar de serem estranhas

para nós, para eles eram corriqueiras. Apenas uma aluna disse não conhecer a expressão “aperrei”. Foram utilizados os mesmos memes que na escola em Lucas do Rio Verde. A primeira produção foi livre, sendo cobrado apenas o gênero e a variação linguística.

No segundo módulo, discutimos sobre a variação geográfica, identificada como a variação de cada região, também chamada diatópica. Os alunos mencionaram que alguns dos seus familiares falam bem diferente deles, e que alguns professores falam “engraçado”. Citaram a professora de Ciências, que é gaúcha, e ainda mantém forte seu sotaque. Também falaram de nós, que somos professora de Inglês, e que ainda bem que era Inglês, pois senão eles não entenderiam nada com esse nosso jeito de falar.

No terceiro módulo, continuamos falando sobre a flexibilidade da língua, e que as variações são comuns, normais, e que o mais importante é respeitar, não causar constrangimento ao colega, nem mesmo ter preconceito, menosprezando sua cultura e seu sotaque.

No último módulo, foi proposto aos alunos a produção de um meme autêntico, em duplas, relacionando a variação geográfica/diatópica. Os alunos produziram seus memes, com bastante criatividade. Um aluno mostrou que ele já tinha um aplicativo gratuito no celular, para criar os memes. Os alunos que já tinham o aplicativo no celular fizeram a produção no celular e apresentaram. Tiveram falas gaúchas e teve até uma mineira, dizendo “uai, sô”. Foram ótimas as produções, o que evidenciou o entendimento dos conteúdos abordados, e que a SD sobre a variação linguística teve seus objetivos alcançados. Foram aulas bastantes produtivas, dinâmicas em que os alunos estiveram muito participativos.

Considerações Finais

As variações linguísticas trazem características que comprovam a heterogeneidade da língua e a diversidade cultural de nosso país. Não podemos deixá-las de lado, ou não trabalhá-las em sala, enaltecendo apenas uma variedade, causando, assim, constrangimento e até mesmo preconceito com os alunos.

É importante que nós, professores, saibamos lidar com os fenômenos linguísticos, que, constantemente, surgem em sala. Não podemos ser os primeiros a termos preconceito, pois se tratando de variação não existe o “certo” ou “errado”. Devemos mostrar aos alunos que eles podem falar de diversas maneiras, mas que existe uma norma a ser seguida, a norma-padrão, e que a escola, apesar de respeitar e trabalhar todas as variações, é o lugar onde também se ensina a norma-padrão.

São com atividades como essa, de sequência didática, que podemos mostrar para nossos alunos que, mesmo com a norma-padrão, temos uma identidade cultural, um sotaque e que somos únicos. É importante destacarmos que a escola deverá inovar em suas estratégias e formas de trabalhar a variação linguística, visto que as tirinhas estigmatizadas do Chico Bento não dão conta de mostrar aos alunos as maravilhas da nossa língua, é preciso repensar e adotar gêneros que estão mais acessíveis aos nossos alunos, para que eles compreendam a beleza da diversidade linguística que existe em nosso país.

THE VARIATION OF THE LANGUAGE AND THE CLASSROOM: A PROCESS OF DECONSTRUCTION OF CONCEPTS AND PRECONCEPTIONS ESTABLISHED

Abstract - This article aims to discuss the Portuguese language with its linguistic variations, the prejudice that these variations face mainly in the school environment, where it is a democratic area of law and should promote a change in the conception of Portuguese language teaching. Linguistic variation is still insufficiently addressed in textbooks and cursed by teachers, making a satisfactory result in understanding these concepts of "right" and "wrong" in relation to native speakers.

Keywords: Linguistic variation. Preconception. Sociolinguística

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI, Ricardo. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. SEF/MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2007.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019